

# A imagem literária de um sertão chamado Brasil

## RESUMO

Este texto procura analisar a trajetória do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, nas entrelinhas de um tempo e de um lugar social registrado nas narrativas lobatianas, caracterizados como feios, analfabetos, pobres, preguiçosos, sujos, indolentes, inadaptáveis à civilização e à modernidade. Essa imagem criada por Monteiro Lobato passa a povoar o imaginário social brasileiro, tornando-se uma figura emblemática, caricaturizado pela figura do Jeca Tatu, e, dessa forma, construindo-se uma possível idéia de identidade nacional, mais especificamente nas representações literárias utilizadas para pensar o homem nacional na primeira metade do século XX.

Palavras-chave: Jeca Tatu; sertão; nação.

**M**onteiro Lobato, decepcionado com as experiências de administração de fazenda, e indignado com as práticas agrícolas dos caboclos de sua propriedade, resolveu redigir uma carta violenta em protesto contra a situação das queimadas, e enviou-a à seção Queixas e Reclamações<sup>1</sup> de O Estado de S. Paulo. Ela foi deslocada para o corpo principal do jornal. O texto foi estampado com destaque em 12 de novembro de 1914, recebendo o título de A Velha Praga. Essa correspondência denuncia os caboclos pela forma de trabalho com a terra e as queimadas, assim os acusa de preguiçosos, indolentes, feios, analfabetos e inadaptáveis à civilização, denominando-os de Jecas Tatus. Após a aparição do Jeca na imprensa, surgiram críticas de escritores, políticos, coronéis que acusavam Lobato de anti-nacionalista, por consequência da imagem negativa do caboclo nacional.

Assim, a experiência de Monteiro Lobato como fazendeiro acabou por trazer uma ressonância literária não esperada, pois a sua revelação, travestida na figura do Jeca Tatu, não representava tão-somente a sua indignação pessoal, mas sim de todo um setor consideravelmente importante da oligarquia paulista, e mesmo da carioca, já em processo de crise. O fato de Lobato ter agido, não a propósito, como porta-voz de uma parcela dessa aristocracia rural, não implicou no sucesso da recepção da carta e do ar-

tigo produzidos à época - A Velha Praga e Urupês. O que fica de significativo é que essa liderança não foi decorrente apenas de seu "talento" literário, mas também de seu envolvimento social, político e econômico com as classes abastadas do país.

Essa representatividade proporcionou-lhe uma boa aceitação pelos jornais de grande circulação nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, e até mesmo em nível nacional. A exemplo disso, destaca-se nas páginas de O Estado de S. Paulo. Foi dentro desse panorama de ampliação das possibilidades do trabalho intelectual, bastante influenciado pelo reordenamento das forças políticas do Estado, que a publicação no jornal O Estado de S. Paulo foi muito importante para o escritor. Lobato<sup>2</sup> passou a receber mais e mais convites para colaborar em jornais e revistas - inclusive do próprio O Estado de S. Paulo.

Tanto em "A Velha Praga" quanto em Urupês estão postas as preocupações de Lobato com o progresso, tendo como elemento central à noção positiva de trabalho, preocupação que está presente no ideário brasileiro de modo mais insistente nas três últimas décadas do século XIX. Não obstante, ganha ênfase, no mínimo, a partir dos anos 10 do século XX, quando as crises sucessivas do regime republicano de governo e as crises vividas, internacional e nacionalmente, impuseram reformulações das práticas liberais, de modo que "intelectuais" em geral passaram a refletir a res-

peito das questões referentes à nacionalidade e às características do povo brasileiro.

Pensando nesta mesma ótica, os intelectuais ansiavam por (re)descobrir o país: seus problemas, sua realidade e o potencial econômico e cultural. No entanto, Lobato foi um dos intelectuais engajados nas questões nacionalistas, seu pensamento esteve voltado para a vida cultural, social e econômica do país, seja refletindo ou atuando sobre ela.

Além de se voltar para as áreas sertanejas e perscrutar os problemas econômicos que devastavam não só a região como também as relações humanas, Lobato debruçou-se sobre a cultura local dos caboclos recuperando as credences e mitos das zonas rurais:

"A idéia de Deus e dos santos, os graúdos lá de cima, os coronéis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nela ajudando-os como os metedidos deuses de Homero. Uma torcedura de pé, um estrepe, o feijão tornado, o pote que rachou, o bicho que arruinou - tudo diabruras da corte celeste, para castigo de más intenções ou atos". (LOBATO, 1961: 290).

Ao compor sua trama, Lobato traz à tona a vida cultural mergulhada no imaginário popular, demonstrada a partir da crença popular vivida pelos caboclos, e também a religiosidade. Mas Lobato as vê com desrespeito<sup>3</sup> e trata-as como ignorância da população interiorana, agarrada excessivamente a tais crenças.

Segundo Amadeu Amaral (1981:379), os caboclos acreditam muito em superstições, pois eram freqüentes as manifestações da fé depositadas por inúmeras pessoas em simpatias para curar toda a sorte de males, assim como do receio que essas mesmas pessoas tinham de violar qualquer tabu estabelecido por velhas credences. Quando algo ruim acontecia era traduzido

pelos caboclos como castigos divinos por algum "mal" feito. Dessa forma, as superstições eram mantidas para que eles não fossem castigados.

Para Lobato, a cultura brasileira, de maneira geral, era organizada "jococentricamente", revelando, assim, que o santo<sup>4</sup> poderia intervir ajudando a resolver todos os tipos de conflitos humanos e castigando quando necessário.

Da experiência na fazenda, ele pôde observar que crenças confundem-se numa emaranhada teia, não havendo forma de distinguir onde param umas e começam outras, diante da diversidade de superstições mantidas através da cultura popular, como: festas, casamentos, lendas, crenças, danças, mutirões e os remédios caseiros.

No decorrer da narrativa, Lobato aponta diversos atributos negativos do caboclo brasileiro, em função do modo de vida. Assim o descreve: "Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças" (LOBATO, 1961: 271).

Para Lobato, o caboclo era a pior das espécies, era "uma velha praga", um obstáculo para o progresso econômico e social. Dessa maneira, comparava os caboclos aos parasitas, que só sugavam a terra e não davam nenhum tipo de benefício. Acreditava que o caboclo era uma raça depauperada em relação às condições materiais de existência, e ainda não era civilizado, principalmente por não possuir instrução para lidar com instrumentos agrícolas. No fragmento acima, Lobato mostra que tinha uma constante preocupação com o progresso da nação através da produção agrícola, para garantir lucros e participar do mercado capitalista em ascensão.

O caboclo, segundo Lobato, era símbolo de atraso, miséria, recuava "para não se adaptar", mudava de um lugar para outro indo agregar-se sem conseguir estabelecer vínculos com a terra. O trabalhador europeu era o oposto, vivia do

que a terra lhe oferecia, ou seja, estabelecia-se um vínculo com a terra.

Percebe-se inicialmente que o caboclo pode ser caracterizado como um ser errante, um trabalhador em movimento, vivia a ser empurrado de um sertão que conquistou a um outro que vai conquistar, até ser expulso através da força física usada pelos coronéis. Nessas relações, patrões, empregados, parceiros, agregados, meeiros e companheiros de trabalho oscilam entre as estratégias de poder e as violências, que muitas vezes fogem do controle social das relações de grupos.

Por outro lado, no centro das preocupações de Monteiro Lobato e Euclides da Cunha, estava a relação entre sertão e civilização, esta, por sua vez, encarada como excludente. É um espaço visto como repositório de uma cultura folclórica, tradicional, base para o estabelecimento da cultura nacional. Para esses dois autores, a civilização devia, no entanto, ser levada ao sertão, resgatando essa cultura e essas populações que ali viviam. Como adverte Euclides: "estamos condenados à civilização, ou progredimos ou desaparecemos" (CUNHA, 1998:71). É com esse mesmo ideário que Lobato paulatinamente vai tecendo seu discurso progressista, construindo uma imagem pejorativa e emblemática do caboclo:

"À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele fugindo em silêncio com o seu cachorro, o seu pilão, a picapau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encostado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se" (LOBATO, 1961: 271).

Nessa passagem, Lobato<sup>5</sup> faz uma leitura da fuga dos caboclos e interpreta-a como "medo da modernidade". Mas entende-se que os caboclos eram analfabetos, não tinham instrução nenhuma. Os caboclos fugiam em silêncio. Esse silêncio dos caboclos era o silêncio

*A temática do sertão serviu para os intelectuais nacionalistas lançarem uma crítica à cultura de importação.*

da opressão e da marginalização. Era o silêncio daqueles que, mesmo que falassem, não seriam ouvidos. Portanto, o poder se exerceu acompanhado de um certo silêncio. Cada vez que os coronéis os expulsavam, os caboclos saíam silenciosamente em busca de novas terras, partiam em busca de novos lugares. Saíam da mesma forma que entravam, somente com objetos pessoais, como, por exemplo, o cachorro, a espingarda e o pilão [...] considera-se essa fuga como uma estratégia de sobrevivência.

Assim, a temática do sertão serviu para os intelectuais nacionalistas lançarem uma crítica à cultura de importação - Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Oliveira Viana e outros. O discurso desses autores sobre o espaço do sertão está inscrito em uma rede de significados, resultante das práticas sociais, pois acreditavam que a "verdadeira" personalidade do país deveria ser dirigida para o interior, para o sertão, onde estava o povo brasileiro. Lobato dizia que "é lá que está o verdadeiro Brasil e não nas cidades do litoral, já diluídas em cultura estrangeira, invadidas pela imigração" (LOBATO, 1961: 275). Com esse ideário, registra nas páginas de Urupês:

"O Brasil não era um São Paulo, enxerto do garfo italiano, nem o Rio artificial de português. O Brasil está no interior, onde o sertanejo vestido de couro vasqueja nas coxilhas onde se domam potros. Está nas caatingas estorricadas pela seca, onde o bondiorno cria dramas, angústias e dores intermináveis à gente litorânea" (LOBATO, 1961: 275).

Com essa idéia, o sertão aparece como um lugar onde a nacionalidade se esconde, livre das influên-

cias estrangeiras. Nesse sentido, o sertão/litoral aparece como um dualismo, pois apresenta duas faces. Na primeira, o pólo negativo é representado pelo sertão - identificado com a resistência ao moderno e à civilização. Na outra, o sinal se inverte: o litoral é apresentado como sinônimo de inautenticidade, enquanto antítese da nação, como aparece em *Os sertões* (CUNHA, 1998), essa ambivalência que consiste na principal característica da representação que constroem sobre o país e seus contrastes.

O sertão é representado pelo espaço da miséria, da violência, das práticas políticas dos coronéis, do latifúndio, da garimpagem, do canção, do messianismo, da seca, do êxodo e o lugar do arcaico. Esse espaço vai sendo tecido como uma rede de significados simbólicos que se superpõe como um lugar amplo e perigoso, cheio de percalços e armadilhas, verdadeiro labirinto existencial, mas que admite brechas levando a saídas, como, por exemplo, em *Grande Sertão: Veredas*, em que Guimarães Rosa (2000) retrata o sertão de Minas Gerais como um lugar mítico, onde está em jogo a salvação ou a perdição do ser humano, mero peão na eterna batalha entre Deus e o diabo.

No entanto, assim como a nação, a própria identidade nacional é fruto de uma construção histórica cujo resultado, ao final do processo, aparece como uma unidade revestida de uma essência. Ao discutir o fenômeno do nacionalismo, Hobsbawm (2002) observou que cabe ao historiador buscar entender o modo como se enraízam social, histórica e localmente, e nesse processo "apagam" as diversidades preexistentes. Nesse sentido, lembramos que "não podemos admitir que, para a maioria das pessoas, a identificação nacional exclua, ou seja, sempre ou até superior ao restante do conjunto das identificações que constituem o ser social".<sup>6</sup> Nesse sentido, é importante discutir a identificação do sertão como um atributo da nacionalidade que se desenvolveu de modo desigual entre os grupos sociais e as regiões

do país. Essa diversidade não pode ser esquecida.

## Autora

1 Prof<sup>a</sup> Ms. Adriana Venturoso Aleixo. Contato: [adrianaventuroso@uol.com.br](mailto:adrianaventuroso@uol.com.br)

## Notas

- 1 Conforme os estudos de Aluizio Alves Filho em relação ao Jeca Tatu, há uma contribuição interessante sobre uma polêmica em relação ao documento enviado por Lobato para a imprensa. Afinal, carta ou artigo? Aluizio menciona que ao consultar a Coleção de O Estado de S.Paulo, percebeu que no jornal deste período não era de praxe publicar cartas de leitores. "Esporadicamente o 'Estadão' divulgava queixas e reclamações dos leitores. Recebida a correspondência, o jornal sintetizava-a, em linguagem própria, dava uma minúscula nota a respeito. Problemas ligados à iluminação, policiamento, abastecimento de água e outras coisas do gênero. A longa carta do humilde lavrador, em linguagem rebuscada, carta que possuía até título, estava totalmente fora dos parâmetros do reproduzível nas páginas do jornal e seria um contra-senso que alguém perdesse tempo para escrevê-la e enviá-la para a seção de queixas..." na esperança de vê-la publicada como carta de leitor. O jornal não possuía espaço dedicado a este tipo de "colaboração".
- 2 O nome de Monteiro Lobato começava então a ganhar nova densidade social, o reconhecimento tornava-se mais palpável, indicando o aumento de seu capital simbólico e, conseqüentemente, a conquista de uma nova posição no campo, que não era ainda destacada mas deixava de ser apenas um ponto imperceptível no mapa literário.
- 3 Quando Lobato descreveu o Jeca Tatu, fez observação da cultura dos caboclos como sendo uma crença negativa, ou seja, posteriormente o escritor percebe que o homem da roça é livre das influências européias justamente pela preservação das crenças distantes do litoral.
- 4 No conto *Urupês*, Lobato comenta que para ficar livre das facadas ou cargas de chumbo era necessário obter uma flor da samambaia. Esta planta, conta o Jeca, só floresce uma vez por ano e só produz em cada samambaia uma flor. Isto à meia noite, no dia de S. Bartolomeu. É preciso ser muito esperto para colhê-la, porque também o diabo anda à cata. Quem consegue pegar uma, ouve logo um estouro e tonteia ao cheiro de enxofre - mas livra-se da faca e do chumbo pelo resto da vida (LOBATO, 1961: 289.).
- 5 Para Lobato, o caboclo era a antítese do italiano. Este representava o progresso expresso na modernização e na valorização da propriedade, e ainda carregava consigo elementos civilizatórios, configurados no trabalhador branco europeu. Diante dessa imagem preconceituosa e racista do caboclo (mestiço - descendentes do índio e do negro) pode-se pensar que está pautada em dois fatores: "a imagem racista que tanto era discutida pela elite culta nos fins do século XIX e início do XX, e a necessidade

de atualização das formas de dominação sobre os trabalhadores livres" (CAMPOS, André. *A República do Pica Pau Amarelo - Uma leitura de Monteiro Lobato*. p.12).

- 6 Com a instalação da Corte no Rio de Janeiro e a Independência, houve um grande contraponto social em relação ao homem citadino, "moderno", que falava "corretamente", que se vestia e se portava pelos padrões europeus (urbanos, portanto civilizados) e homem da roça que era visto como não civilizado. E não era somente sobre o homem rural que recaía tal descrédito. Em princípio, eram duas as oposições: urbano/rural e elite/povo. Não se colocava um limiar definido entre ambos. Existia, isto sim, uma tendência a identificar rural e povo como elementos portadores de novos tempos, do novo Brasil, da civilização possível. Em se considerando o segundo elemento, elite/povo, a desqualificação do homem rural tornou-se senso comum. A imagem do caipira ignorante, preguiçoso, incapaz, etc., generalizou-se para as populações citadinas pobres. Ambos eram vistos como evidência do atraso, para quem se preconizaram medidas educativas e disciplinadoras. Assim, a representação do povo brasileiro tendeu a recobrir a parcela pobre da população, de forma que os atributos da indolência, da preguiça, da ignorância e do despreparo para a vida "civilizada" tornaram-se as características marcantes do povo brasileiro, tomando como um todo, independente se do meio rural ou urbano. (NAXARA, 1998: 117.).

## Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste*. São Paulo: Cortez, 1996.
- ALVES FILHO, Aluizio. *As metamorfoses do Jeca Tatu - A questão da identidade do brasileiro em Monteiro Lobato*. Rio de Janeiro: Inverta, 2003.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Cultura brasileira - Temas e situações*. São Paulo: Ática, 2002.
- CAMPOS, André Vieira de. *A república do Pica Pau Amarelo - Uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Ática, 1998.
- HOBSBAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 11. ed. Obras completas, São Paulo: Brasiliense, 1961.
- \_\_\_\_\_. *A Barca de Gleyre*. v. II. 11. ed. Obras completas, São Paulo: Brasiliense, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Problema Vital*. 11.ed. Obras completas, São Paulo: Brasiliense, 1961.
- MELLO e SOUZA, Antonio Candido. *Literatura e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiro em sua própria terra*. São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 1998.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. "A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro". IN: *História, Ciência, Saúde*. vol. 5 (suplemento), 1998.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Ática, 2000.